

LUKÁCS E AS ESQUERDAS BRASILEIRAS*

Ivo Tonet**

Gostaria, antes de mais nada, de deixar claro o espírito da minha intervenção. A humanidade está atravessando, hoje, uma crise de proporções nunca vistas. E, ao contrário do que pensa a maioria dos intelectuais, não se trata apenas de uma transformação no interior do próprio capitalismo, a exemplo de muitas outras. Trata-se do fato de que esta forma de sociabilidade já não tem condições de abrir perspectivas para uma realização superior da humanidade. Não se pense que estou afirmando que o capitalismo já não permite desenvolvimento em nenhum aspecto da realidade. Isto seria falso. Nem de que ele desmoronará por si mesmo. O que quero dizer é que estão chegando aos limites as possibilidades de organizar a sociabilidade no sentido de permitir uma vida mais digna e humana para todos os indivíduos e não apenas para uma minoria. Por isso mesmo, o que predomina, hoje, de fato, é uma tendência altamente destrutiva e desumanizadora em todos os aspectos da vida humana, apesar das imensas potencialidades abertas pelo domínio do homem sobre a natureza e sobre si próprio. Isto é ainda mais agravado pelas derrotas sofridas pela perspectiva do trabalho ao longo dos últimos cento e cinquenta anos. E, no que tange ao universo teórico, esta situação é tornada ainda mais complicada pela extraordinária deformação sofrida pelo instrumental elaborado por Marx, com repercussões extremamente negativas para a luta dos trabalhadores contra o capital.

A superação, portanto, do capitalismo não é apenas o desejo de quem se vê excluído das suas benesses, nem sequer uma esperança utópica daqueles que foram muitas vezes derrotados. Trata-se de uma imperativa necessidade de sobrevivência – o que implica uma autoconstrução superior – da própria humanidade. Nunca foi tão verdadeira como hoje, apesar da negação e do desprezo da imensa maioria dos intelectuais de toda ordem, a afirmação de que a alternativa está entre o socialismo e a barbárie.

Ora, para a realização desta hercúlea empreitada de superação do capitalismo, o instrumental teórico é elemento de absoluta importância. Não se pode querer transformar o mundo sem compreendê-lo. Mas nem todas as pessoas contribuem da mesma maneira para esta compreensão e transformação do mundo. Algumas se destacam mais, ou na teoria e/ou na

* Esse texto é o resultado da participação na Mesa Redonda *Lukács e as esquerdas brasileiras*, integrante da VI Jornada de Ciências Sociais: Jornada de estudos Leandro Konder, promovida pelo Dep. de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus de Marília, realizada de 06 a 08 de outubro de 1998.

** Prof. Do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas e doutorando em educação na ENESP-Marília.

prática. Leandro Konder foi uma destas pessoas. É justa, pois, a homenagem que se lhe está prestando. Mas é sempre bom lembrar que a melhor homenagem que se pode prestar a um autor é ser obrigado, pela sua própria trajetória, a reconhecer as contribuições que o fizeram elevar-se acima das outras pessoas, mas também poder evidenciar deficiências, lacunas e limitações face à causa maior que é a superação desta forma de sociabilidade. Pois, o que, afinal, está em jogo não é apenas um indivíduo, mas os destinos da própria humanidade. É com este pano de fundo que farei a minha intervenção.

Se Lukács teve alguma influência nas esquerdas brasileiras – e penso que teve, embora bastante reduzida – deveu-a a um grupo de intelectuais, entre os quais se destaca a figura de Leandro Konder. Não é o caso de referir, aqui, porque outros já o fizeram com muito mais pertinência e conhecimento, a importância que Leandro Konder teve na trajetória do marxismo e da luta social no Brasil. O fato é que, por volta da década de 60, em um momento em que se travava uma luta intensa contra décadas de deformação e dogmatização do pensamento marxiano e contra o obscurantismo mantido pelas baionetas a serviço da burguesia, Leandro Konder teve, inegavelmente, um papel destacado na luta pelo resgate de um pensamento crítico. E entre as muitas contribuições que deu à renovação do marxismo destaca-se a introdução, junto com Carlos Nelson Coutinho e outros, do pensamento lukacsiano no Brasil.

Não é minha intenção historiar o papel de Leandro Konder nesta empreitada. Gostaria, apenas, de fazer algumas observações a respeito das relações entre Lukács e as esquerdas brasileiras, tomando como pretexto elementos da trajetória do autor a quem esta semana é dedicada.

Celso Frederico, em seu texto, que faz parte do vol. II de *A história do marxismo no Brasil* (ed. da Unicamp, 1995) após historiar a introdução e a divulgação do pensamento lukacsiano no Brasil, faz uma constatação e uma indagação instigantes. Segundo ele, no exato momento em que os intelectuais que trabalhavam com aquele pensamento puderam dedicar-se, mais direta e intensamente, às questões políticas, acabaram abandonando aquele instrumental teórico. O autor lembra que a introdução e a divulgação da obra lukacsiana no Brasil coincidiram, quase inteiramente, com o período da ditadura militar. Deste modo, a luta intelectual tendeu a nuclear-se ao redor das questões da cultura, da estética e da teoria literária. Ora, é sabido que Lukács teve uma ampla e original elaboração sobre estas questões. Assim, ainda que os aspectos ontológico e político não fossem de todo esquecidos, foi sob o viés cultural que sua obra foi mais conhecida. Quando, pois, a problemática política – com o início da redemocratização – pode ser mais diretamente abordada, a teoria do pensador húngaro foi posta em segundo plano e substituída pelo pensamento gramsciano.

O autor pergunta-se por que teria acontecido isto, já que, de modo geral, para todo autor marxista, a dimensão da política é de inegável importância. Sua resposta vai no sentido de afirmar que este abandono do pensamento lukacsiano e a maior aproximação com o de Gramsci se deveria ao fato de que a reflexão do primeiro sobre a dimensão da política é muito reduzida, quando não tópica, ao contrário de Gramsci, que fez dela o eixo do seu trabalho teórico.

Na sua imediatez, estes fatos são inegáveis. Com efeito, na *Ontologia do ser social* (Roma, Riuniti, 1976-1978) de Lukács, sua grande obra de maturidade, o espaço reservado explicitamente à reflexão sobre a política é relativamente pouco extenso. Mais ainda, o aspecto privilegiado é o aspecto mais propriamente filosófico e não o da teoria e da ciência política, o que lhe confere, por sua própria natureza, um caráter necessariamente mais abstrato. Mesmo, porém, suas intervenções não propriamente filosóficas são bastante limitadas. Além disto, suas contribuições, em termos de teoria política e de análise de situações concretas, não podem de fato, comparar-se com as elaborações de Gramsci, que, além de extremamente profundas, são também muito extensas.

A explicação de Celso Frederico parece bastante razoável e se apoia em fatos reais. No entanto, ao meu ver, ela é bastante limitada. Falta o enquadramento desta problemática em um contexto maior para poder compreender o seu sentido mais profundo.

Com efeito, tanto a aproximação quanto o abandono do pensamento lukacsiano se inserem, a meu ver, na questão mais ampla da trajetória do marxismo e do mundo em que esta se deu. Vejamos, pois, rapidamente, esta problemática.

Parece fora de dúvida que a obra original de Marx teve um caráter radicalmente crítico em relação à sociedade capitalista. O que confere este caráter de radicalidade crítica foi e continua a ser objeto de discussão. Filio-me àqueles que pensam que o fundamento desta criticidade está na identificação do caráter radicalmente histórico e social do ser social. Em síntese, este seria o significado desta afirmação: Marx parte do trabalho como ato ontológico originário e, através da análise dos elementos essenciais deste ato e dos seus desdobramentos no processo social, constata que a história humana nada mais é do que o complexo processo de autoconstrução social do homem. Com isto, ele alcança a raiz última do processo social, ou seja, o homem enquanto autor decisivo de si mesmo. Este achado corta o passo a qualquer interpretação determinista, teológica ou teleológica da história. Do mesmo modo, corta o passo a toda tentativa de eternizar qualquer forma de organização social, deixando claro que isto não passa de expressão de determinados interesses particulares. De modo que a captura da lógica interna da forma da sociabilidade capitalista implica também, necessariamente, a constatação da possibilidade da sua superação. Este caráter ontológico (histórico e social) é, a

meu ver, o que define a originalidade e a profundidade da ruptura de Marx com a tradição ocidental e o que lança as bases para um novo patamar científico-filosófico. É também este caráter ontológico que confere à teoria marxiana a capacidade intrínseca – que, quando perdida, o destrói – de não somente criticar (tomando esta palavra num sentido ontológico e não apenas epistemológico) a realidade e as outras teorias, mas também de exercer a autocrítica sobre si mesma.

Acontece que a recepção e a difusão, larguissimamente hegemônicas, do que veio a se chamar de marxismo – por motivos históricos que não podemos detalhar aqui – não compreendeu, perdeu ou rejeitou explicitamente como metafísico este caráter originalmente ontológico do pensamento de Marx. O marxismo hegemônico – adotado por todos os partidos comunistas – assumiu um caráter francamente objetivista e/ou idealista, transformando, deste modo, a proposta original, de cunho essencialmente crítico – no sentido ontológico – em uma teoria incapaz de agarrar o movimento do processo social como totalidade histórica. O resultado disto foi um misto de empirismo e idealismo, que serviu para justificar uma certa ordem social identificada, por determinadas instâncias políticas, como sendo o socialismo proposto por Marx.

É claro que o marxismo não se esgotava nesta forma hegemônica. A luta contra esta e outras deformações sempre se fez presente, com altos e baixos, com maior ou menor intensidade. Mas é inegável que aquela concepção objetivista teve, ao longo de décadas, uma hegemonia praticamente indiscutível. Por outro lado, muitos autores, que perceberam o absurdo e a contradição do marxismo objetivista, opuseram-lhe críticas que, de uma forma ou de outra, terminaram por acentuar a tendência contrária, ou seja, o idealismo. Afirmção esta válida para o próprio Lukács até *História e consciência de classe*. Poucos foram aqueles que, implícita ou explicitamente identificaram o caráter ontológico como a chave do resgate da radicalidade crítica do marxismo. Entre estes últimos, o autor mais significativo é, sem dúvida, Lukács, em sua obra de maturidade.

Ora, a obra lukacsiana, após a adesão do autor ao marxismo e também ela com uma trajetória complexa, insere-se neste esforço por restituir ao marxismo o seu sentido genuinamente crítico. Contudo, por razões que não é possível expor neste breve texto, a obra de Lukács que mais avança na reconstrução da teoria marxiana, a *Ontologia do ser social*, foi e continua a ser uma grande desconhecida. Não somente no Brasil, mas também no exterior. E, embora não sendo o único, e com todos os defeitos, lacunas e problemas, Lukács me parece o autor mais importante neste esforço pela reconstrução do marxismo enquanto teoria efetivamente crítica. Todas as outras tentativas de resgatar o caráter crítico da obra de Marx, integrantes daquilo que foi chamado de marxismo ocidental, vão numa linha claramente anti-

ontológica. E, a meu ver, a recusa, o desconhecimento e/ou o insuficiente aproveitamento desta concepção ontológica do marxismo são os responsáveis pelo insucesso destas tentativas de renovação.

Ora, no caso em tela, da introdução e utilização do pensamento lukacsiano no Brasil, todo este conjunto de circunstâncias teve um grande peso, aliado às especificidades do momento histórico nacional.

Com efeito, a introdução de Lukács no Brasil é realizada por intelectuais integrantes ou próximos do partido comunista do Brasil. Intelectuais estes que, naquele momento, se inscreviam na luta contra a hegemonia do dogmatismo e do objetivismo vigentes neste partido, mas certamente não deixavam de pagar algum tributo à sua formação original. Além disto, como já disse, a chegada de Lukács ao Brasil também praticamente coincidiu com a instauração da ditadura militar, o que levou a flexionar a luta teórica mais para o campo cultural do que para o campo da política. Deste modo, o que se privilegiou, na obra lukacsiana, não foi o seu teor propriamente ontológico – essencial para uma renovação radical do marxismo – mas a problemática relativa à arte e à cultura. Certamente, este caráter ontológico não era desconhecido, muito pelo contrário, mas o seu estudo, a sua apreensão exaustiva e detalhada, que permitisse a compreensão da sua real importância na reconstrução da teoria marxiana a partir das suas raízes, foi claramente insuficiente. Tanto é que não existe, até hoje, nenhum trabalho mais sistematizado sobre a obra de maturidade do pensador húngaro. Sintomaticamente, o próprio Konder não faz nenhuma referência a ela em seu livro *O futuro da filosofia da praxis* (Paz e Terra, 1992).

Durante algum tempo, o pensamento gramsciano pareceu fornecer o instrumental necessário para superar o dogmatismo stalinista e prover teoricamente de modo crítico a luta dos trabalhadores. Contudo – como já é sabido – por um lado, a própria natureza da obra de Gramsci permitiu que fossem feitas várias leituras, das quais a mais privilegiada foi aquela que desembocou no chamado “socialismo democrático”. Por outro lado, a ausência de uma elaboração filosófica explícita, que repusesse, a partir dos fundamentos, a capacidade crítica da teoria marxiana, impediu que o pensamento gramsciano – mesmo nas suas leituras não reformistas – pudesse levar a cabo esta tarefa. Pois, o fato é que não se tratava – como não se trata hoje – apenas de teoria política ou de ciência política, mas de um resgate da teoria a partir dos seus fundamentos filosóficos. A insuficiente, ou muitas vezes equivocada, resolução destas questões acabava mostrando todas as suas fragilidades nos embates com o pensamento burguês nas mais diversas áreas. Fragilidade que, a meu ver, levou o marxismo a perder a sua identidade própria, tornando-se apenas mais um dos muitos pontos de vista

possíveis e, com isto, aceitando, no mais das vezes sem perceber e justificando até tal atitude, a batalha teórica – e os seus desdobramentos práticos – no campo do adversário.

É neste sentido que é sintomática a trajetória de Leandro Konder. Como já disse, sua contribuição na luta cultural, na luta política e nas batalhas práticas teve um destaque que deve ser reconhecido. Por outro lado, ela mostra claramente uma inflexão explícita em direção ao que acima chamei de “socialismo democrático”, que me parece um caminho equivocado. Faltar-me-ia tempo e espaço para mostrar em detalhes esta inflexão. Limito-me a apontar como sintomático o livro intitulado *O futuro da filosofia da praxis*. Nele o autor pretende apontar o caminho que o marxismo deverá seguir se quiser renovar-se e subsistir enquanto instrumento de luta por um mundo melhor. Essencial para isto é, segundo ele, a “assimilação dos valores do pluralismo”, que inclui uma postura teórica e prática aberta, anti-dogmática e anti-sectária e a aceitação da luta por uma “cidadania democrática”, como objetivo maior. É, sem dúvida, justíssima a preocupação de Leandro Konder de opor-se ao dogmatismo, ao sectarismo e à estreiteza teórica e prática que caracterizou o marxismo, na sua vertente hegemônica. Mas, ao meu ver, o resgate da radical criticidade desta teoria não passa, de modo algum, pela assimilação dos valores do pluralismo – seja ele epistemológico, político, ético ou estético. Antes pelo contrário, é na assimilação da teoria marxiana enquanto perspectiva ontológica – visceralmente crítica, anti-dogmática, anti-sectária e intrinsecamente atada à emancipação humana – que está a possibilidade de restabelecer a identidade mais profunda do marxismo e delimitar claramente a perspectiva própria do trabalho contra o capital. Em meu livro *Democracia ou liberdade* (Maceió, Edufal, 1988) podem-se encontrar, mais explicitadas as razões que me levam a opor-me, frontalmente, ao pluralismo tanto epistemológico quanto político, sem que isto signifique, de modo algum, uma adesão ao dogmatismo e ao sectarismo.

O que, a meu ver, explica o que me parece serem equívocos de Leandro Konder é exatamente não o desconhecimento, mas a insuficiente assimilação da ontologia do ser social lukacsiana. E fique claro que não penso em termos de uma aceitação servil, mas como o caminho – constituendo e constituinte – capaz de resgatar o marxismo como o método mais apropriado para compreender e orientar a transformação do mundo. Leandro contribuiu para introduzir e divulgar as idéias lukacsianas no Brasil. Circunstâncias históricas levaram-no e a outros a relegá-las a um segundo plano e a assumir outros pontos de vista, sem contudo abandonar a idéia de que a superação do capitalismo é uma necessidade se se tem em vista a construção de um mundo melhor. Por isto mesmo, esta contribuição, da máxima importância, precisa ser retomada e levada adiante porque, se o homenageado me permite, ela atende exatamente àqueles objetivos aos quais ele dedicou e continua a dedicar a sua vida.